

PENSANDO A ESPIRITUALIDADE NO ENSINO DE GRADUAÇÃO

*Maria Antonieta Benko**
*Maria Júlia Paes da Silva***

BENKO, M. A; SILVA, M.J.P. da. Pensando a espiritualidade no ensino de graduação.
Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v.4, n.1, p.71-85, janeiro 1996.

“Ensino é o nosso modo próprio de viver e o corpo é a expressão do espírito dentro do tempo...”

Leonardo Boff

O presente trabalho teve como objetivo verificar a opinião dos docentes de enfermagem sobre a espiritualidade e a assistência espiritual no ensino de graduação, identificando sua presença no ensino atual e propondo aspectos para a sua abordagem junto aos alunos. Foram entrevistados 24 docentes durante o mês de novembro de 1994 e 95,8% responderam considerar o homem um ser espiritual, citando diferentes maneiras de como essa dimensão altera e influencia seu dia-a-dia; 66,6% referiram ser importante o ensino da assistência espiritual na graduação. Frente a diversidade dos conceitos e respostas ficou evidenciada a necessidade de reflexão conjunta.

UNITERMOS: espiritualidade, assistência espiritual

**Enfermeira. Técnico Especializado Nível Superior do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo*

***Enfermeira. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo*

INTRODUÇÃO

O conceito espiritualidade continua sem uma definição aceita por todos, apesar de nos últimos anos encontramos cada vez mais bibliografias e fóruns de discussão sobre o tema. Muitos profissionais de saúde procuram estudar e implementar este conceito enquanto outros ainda são céticos e acham que esta não é uma questão científica. A enfermagem sempre teve na sua prática a preocupação de assistir o cliente nas suas necessidades espirituais, porém tem tido dificuldade em diferenciar a espiritualidade dos aspectos religiosos e psicossociais do indivíduo (ATKINSON & MURRAY, 1985; DANIEL, 1983).

A tendência crescente da enfermagem em ver o indivíduo numa perspectiva holística gera questionamentos sobre sua assistência nessa dimensão. O preceito básico do holismo pe que o *todo* individual (corpo, mente e espírito) é mais do que a soma de suas partes, essas dimensões interagem e assim, tratando uma delas, as demais serão afetadas. Embora esta interdependência exista, as intervenções de enfermagem são escolhidas e implementadas segundo as alterações associadas a cada dimensão.

A dimensão espiritual é uma parte integrante do indivíduo, sendo importante para os enfermeiros avaliá-la e nela intervir quando necessário. Entretanto, essa dimensão deve ser diferenciada do aspecto religioso do indivíduo e do seu comportamento psicossocial. Para diferenciar esse aspecto é importante que hajam estudos que definam a espiritualidade através de reflexões onde sua especificidade seja levada em conta.

Segundo DIAZ (1993), possivelmente a maior ameaça para a ampla aceitação da saúde espiritual, como uma área de estudo legítima, é o impacto do cientificismo nas disciplinas de saúde. A visão de mundo que prevalece nas disciplinas de saúde tem raízes no empirismo e nas ciências naturais, que tem como base metodológica, de alguma forma, o naturalismo (a visão de que todos os fenômenos podem ser explicados com base nas leis e nas causas naturais). Esse autor relembra que, de acordo com a metodologia naturalista, a ciência nem confirma, nem nega questões metafísicas, tais como o conceito de espiritualidade.

Em resumo, as metodologias científicas atualmente são legitimamente fundamentadas no naturalismo metodológico; entretanto, dando-se muita ênfase nessa visão de metodologia científica, existe o risco de excluir outras epistemologias as quais podem servir de um legítimo ponto de partida para o estudo das realidades espirituais. Consideramos que, talvez seja a hora dos profissionais de enfermagem ajudarem a abrir esses caminhos para uma nova epistemologia, e que reconheçam a possibilidade de uma realidade metafísica que não limita na verificação apenas por meios empíricos.

Enblem apud HANSEN (1993) mostrou que na literatura da enfermagem, espiritualidade e religião são usadas como sinônimos, porém os dois não tem

necessariamente as mesmas características. Religião é uma crença no sobrenatural ou numa força divina que tem poder sobre o universo e comanda a adoração e a obediência, um código abrangente de ética e filosofia; espiritualidade é uma qualidade mais ampla do que religião. Uma pessoa não tem que pertencer a uma religião organizada para alcançar o espiritual. Podemos definir **espiritualidade como uma força unificadora que não tem como propósito aumentar a vida de uma pessoa, mas facilitar seu desenvolvimento, dar uma orientação à realidade na vida diária e um significado para a sua existência, independente de sua profissão religiosa.** (HANSEN, 1993)

De qualquer modo, parece mais fácil para os enfermeiros discutir o aspecto espiritual quanto há uma doutrina religiosa concreta e identificada, em vez de uma rede abstrata e obscura guiando essa dimensão dos indivíduos. Pode parecer que, satisfazendo rituais associados a uma religião particular, os enfermeiros estejam atendendo plenamente as necessidades espirituais do cliente.

A formação do enfermeiro reforça a ênfase nessa hipótese, provendo uma introdução superficial dos ritos e crenças religiosas na maioria dos livros de fundamentos de enfermagem. A consequência disto, é que conhecendo as práticas específicas de várias religiões, os enfermeiros consideram entender a natureza espiritual dos indivíduos julgando-se habilitados para atender as necessidades espirituais. O mesmo pode ser dito da política hospitalar e de procedimentos como batismo, comunhão, dieta alimentar, entre outros. (HANSEN, 1993)

Quando a dimensão espiritual é considerada apenas no contexto religioso, as ações dos enfermeiros tornam-se padronizadas e não necessariamente individualizadas para as necessidades do cliente. Essa maneira de cuidar torna-se problemática quando o mesmo não é ligado a uma religião e nem acredita em Deus, num ser supremo, ou mesmo quando a sua espiritualidade não está ligada à prática da religião. Ao igualar a dimensão espiritual com a prática de doutrinas religiosas, o enfermeiro pode estar reduzindo a dimensão espiritual.

A dimensão espiritual pode, muitas vezes, ser incorporada a dimensão psicossocial (mente) o que além de torná-la superdimensionada, subordina-a às teorias psicossociais, que não contemplam totalmente o aspecto abstrato, inerente à dimensão espiritual. A indefinição dessas dimensões pode levar a uma rejeição da dimensão espiritual, uma vez que a interpretação das necessidades psicossociais é fortemente influenciada pela estreita relação da enfermagem com a psiquiatria, que tem discutido o papel da religiosidade no desenvolvimento de várias psicopatologias. Se a religiosidade é percebida como parte de alterações psiquiátricas do cliente, a equipe reluta em atender essas necessidades que envolvem aspectos da assistência espiritual (HANSEN, 1993)

Por outro lado, os enfermeiros parecem considerar esta área profundamente pessoal e por este motivo evitam intervir. Embora relutar em discutir referências espirituais com os clientes, não seja o mesmo que negar, o resultado é o mesmo, pois nas duas situações nenhuma identificação clara desta dimensão é feita, como

também nenhuma tentativa para a sua compreensão.

Em resumo, a espiritualidade apesar de estar estreitamente ligada à religião e à dimensão psicossocial do ser humano, é diferente e única. Porém, o que a torna única não está bem elucidado. DANIEL (1983); DIAZ (1993); HANSEN (1993) E ROBINSON (1994) são exemplos de estudiosos que se preocupam em introduzir na área da saúde a espiritualidade como uma dimensão legítima de estudo e pesquisa. Consideram que a falta de um consenso para a definição da espiritualidade ou saúde espiritual deve ser visto como parte de uma evolução normal de uma área de estudo nova e emergente não como uma deficiência significativa.

A NANDA (North American Nursing Diagnosis Association) é uma organização de enfermagem que desde 1982 tem buscado identificar, validar e classificar as entidades clínicas nas quais o enfermeiro intervém. Ela aborda diretamente o aspecto espiritualidade no padrão de resposta humana VALORAR. Nesse padrão o único diagnóstico de enfermagem já identificado e aceito para testes clínicos e o de "Angústia Espiritual". Um conceito de espiritualidade emerge da definição desse diagnóstico que é: "o princípio de vida o qual permeia todo o ser de uma pessoa, íntegra e transcende sua natureza biológica e psicossocial" (FARIAS et al, 1990).

Quando uma pessoa é confrontada com uma crise ou doença, ela pode sentir ameaçada a sua totalidade pessoal e seu bem estar. Não faz diferença a dimensão de vida que essa alteração atinge, porque o corpo, a mente e o espírito estão unidos de forma que, o que afeta uma dimensão, afeta também as outras. O sofrimento e a doença freqüentemente forçam a pessoa a encarar assuntos relacionados ao significado da vida; face à uma situação de crise, ela pode ser confrontada com a realidade de sua existência, relações consigo mesma, com os outros, com Deus e talvez até com sua própria morte. Confrontada com tais crises é que, segundo a NANDA (1989), a pessoa pode apresentar sinais de angústia espiritual, pois, essas alterações colocam à sua vista a limitação a que todo ser humano está sujeito.

Diante dos aspectos citados e pelo fato de estarmos vivenciando a reformulação do currículo do curso de graduação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), várias questões a permearam, entre elas a necessidade da enfermagem fundamental discutir a especificidade do aspecto subjetivo (mente-espírito) e objetivo (corpo) do ser humano. Neste novo enfoque, a espiritualidade é a dimensão menos estudada, pois além de não termos um fórum específico de discussão sobre essa temática, ela é incorporada aos outros aspectos de atendimento do paciente e não possui uma estrutura conceitual desenvolvida no paradigma vigente.

Por não termos claro como o tema é concebido na Escola de Enfermagem, achamos importante antes de redigir um texto básico para o aluno, identificar a concepção da escola para que servisse de subsídios na condução do tema. Motivadas para caracterizar alguns aspectos da espiritualidade entre os docentes

da instituição, e por considerarmos que esse tema merece uma reflexão mais profunda, é que este estudo foi realizado, com os objetivos expostos a seguir.

OBJETIVOS

- Verificar a opinião de docentes de enfermagem do terceiro grau sobre o aspecto espiritualidade no ser humano.
- Verificar a importância deste item para esses docentes no ensino de enfermagem e sua existência no ensino atual.
- Propor estratégias para abordagem da assistência à dimensão espiritual junto aos alunos da graduação de enfermagem.

MATERIAL E MÉTODO

A população deste estudo foi constituída por 24 docentes alocados nos diferentes departamentos da EEUSP. Esse total equivale a 30% dos docentes da instituição e, essa mesma porcentagem foi mantida nos quatro departamentos existentes. A escolha dos docentes foi aleatória tomando-se apenas o cuidado de ter a representação de docentes de todas as disciplinas dos diferentes departamentos.

A coleta de dados transcorreu durante a última semana do mês de novembro de 1994, através da entrega do instrumento de coleta de dados (anexo) par que o docente respondesse na hora, preferencialmente. As autoras do presente trabalho é que coletaram pessoalmente as informações.

O instrumento de coleta de dados (Anexo I) constou de sete questões que tiveram o intuito de ver o posicionamento pessoal do docente frente ao tema espiritualidade a opinião a respeito do ensino dessa temática.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Dos 24 docentes pesquisados, 17 (70,8%) referem ter religião, sendo citada a religião católica por 12 deles (algumas praticantes, outros não), 2 citaram

o espiritismo, 1 a religião protestante, 1 a umbanda e 1 referiu que o significado de religião é estar religada a Deus e por isso não tem seita específica. Sete (29,2%) referiram não ter religião alguma.

Quando questionados se o homem é um ser espiritual, 23 (95,8%) afirmaram que sim, tendo apenas um docente que considera o homem como um ser não-espiritual. Isto, a nosso ver, configura um ambiente propício para a discussão na EEUSP a respeito desse tema de forma que exista maior esclarecimentos e coerência na abordagem do assunto junto aos alunos.

Ao serem indagados sobre a existência de “coisas” espirituais importantes para si mesmo, vários questionaram o que era “coisa” espiritual, sendo explicado que o objetivo das autoras foi deixar a pergunta bastante ampla, permitindo que cada um se posicionasse inclusive com relação ao que, eventualmente fosse “coisa” espiritual para si. Dos 24 docentes, 21 (87,5%) afirmaram que existem “coisas” espirituais importantes, um (1) respondeu “não sei” e 2 responderam que não existem.

Citaram “coisas” espirituais importantes sentimentos que vivenciam no dia-a-dia e que identificam como sendo gerados pelo fato do homem ser espiritualizado: solidariedade (3 citações), amor (2), fé (2), respeito ao outro (2), alegria (1), harmonia (1). Outros docentes se referiram a “coisas” espirituais, ligando-as com práticas ou rituais religiosos como: prática de meditação (2), missa (1), oração (1), atuação em comunidade cristã (1) e mesmo a discussão sobre temas como origem da vida e transcendência. Também foram citados nessa questão Deus (4), a alma (3), Cristo (1), Nossa Senhora (1) e a explicação de que todas as situações são permeadas por “coisas” espirituais***.

Questionados sobre como essas “coisas” espirituais os ajudam e em que situação, 11 dos docentes (45,8%), referiram que em todas as situações do dia-a-dia, exemplificando que isso influi na forma de se relacionem com as pessoas (alunos, família, pacientes, equipe) e pela consciência de fazer parte de um todo universal. Outros 10 docentes (41,6%) afirmaram que em algumas situações específicas essas “coisas” o ajudam, por exemplo, nos momentos de stress, de estar diante de um fato novo que demanda muita energia, nas situações “difíceis”, de depressão, sofrimento, conflitos, na compreensão da morte. Dois (2) docentes referiram que essas “coisas” espirituais auxiliam no próprio desenvolvimento pessoal, e um (1) que, na medida em que vamos nos ligando mais a Deus, o significado de todas as “coisas”, inclusive do que é espiritualidade, se modifica.

*** A partir dessa resposta, o total encontrado é maior que 24 porque houve docente que respondeu as questões com mais de um item

As opiniões apontam por um lado, para a importância de não serem padronizados os conceitos e as expressões espirituais e, por outro, nos dá a abrangência de como vários aspectos interagem/interferem com o espiritual. A discussão sobre esses aspectos auxiliaria o docente no desenvolvimento de uma linguagem comum que facilitasse o debate dessa temática com o aluno – em campo ou em sala de aula – pois os próprios docentes afirmam que essas “coisas” ajudam, de uma forma ou de outra, no cotidiano da vida, na maneira de encará-la e vivê-la ou mesmo no próprio desenvolvimento pessoal.

A definição do que é espírito segundo os docentes entrevistados pode ser vista no quadro 1.

QUADRO 1 – DEFINIÇÃO DE ESPÍRITO PARA OS DOCENTES DA EEUSP – SÃO PAULO, 1994

| Número de Citações* | Definição |
|---------------------|---|
| 8 | Essência do ser humano. |
| 7 | Algo maior, diferente de alma, transcende a matéria. |
| 6 | Energia. |
| 6 | Alma se desenvolve em várias vidas. |
| 3 | Pensar interior que cresce em função da vivência. |
| 3 | “Algo” ético que influencia o comportamento e sentimentos |
| 1 | Estar em harmonia com a natureza. |
| 1 | “Algo” que a maioria das pessoas acredita. |

(*) 2 responderam não saber.

Pelo quadro 1 podemos perceber 8 referências (33,3%), com sendo a essência do ser humano (“o que nos integra”); 7 (29,2%) como sendo “algo maior”, diferente da alma, (algo etéreo, não palpável, que transcende a matéria); 6 referências (25%), como sendo energia (“uma força que existe nos seres vivos, que vitaliza as pessoas”); 6 (25%) citam espírito como alma ou como algo que se desenvolve em várias vidas, portanto imortal; 3 (12,5%) referindo ser algo sentido, um “pensar interior que cresce em função da vivência” e se confunde com o “eu interior”, permitindo que se desenvolvam valores como respeito, humanidade pessoal; 3 (12,5%) fazem referência ao aspecto ético que é desenvolvido quando se cresce espiritualmente, pois influencia os sentimentos e comportamentos que se têm com os outros e desenvolve-se os valores ligados a respeito e humanidade; 2 responderam “não sei” e houve uma resposta afirmando que espírito é estar em harmonia com a natureza e outra, algo que a maioria das pessoas acredita. Essa diversificação na forma de caracterizar essa dimensão do ser humano dificulta a especificação desse aspecto no atendimento de enfermagem. Debates e discussões podem auxiliar os docentes a se sentirem mais seguros, tornando possível o ensino do cuidado relativo à dimensão espiritual.

Com relação a importância do ensino da assistência espiritual na Enfermagem, 16 (66,6%) consideram importante; 4 (16,6%) não consideram importante e 4 (16,6%) não sabem se é importante essa discussão no ensino. Dos que consideram este conteúdo importante, alguns justificam que ele nos torna mais humanos; facilita a aproximação entre os indivíduos e torna a assistência de enfermagem também mais humana.

Lembramos que apesar de toda a discussão filosófica a respeito da definição de espiritualidade, a NANDA (1989) propões uma definição que pode ser ponto de partida e que respeita a especificidade dessa dimensão, possibilitando a aplicação do conceito na prática e conseqüentemente, estudos dessa prática. Roteiros que avaliam a dimensão espiritual já foram desenvolvidos por vários estudiosos do tema, entre eles podemos citar Stool apud McFARLAND; McFARLANE (1989) que focaliza quatro aspectos específicos a serem pesquisados no cliente: seu conceito de Deus ou Divindade; a fonte de sua força e esperança; o significado das práticas e rituais religiosos e a relação percebida entre as crenças espirituais e se estado de saúde. O'Brien apud McFARLAND; McFARLANE (1989) considera que no atendimento do paciente é necessário avaliar as crenças espirituais gerais, crenças espirituais pessoais, identificação com a religião institucionalizada, sistemas e rituais de apoio espiritual ou religioso e déficit ou angústia espiritual.

A possibilidade do paciente receber a assistência espiritual em decorrência da avaliação por um instrumento adequado a esta dimensão, juntamente com um profissional devidamente sensibilizado para esse aspecto, são justificativas para o estudo desse tema, mesmo sem uma definição amplamente aceita.

Por este aspecto da assistência de enfermagem mais citado do que exercido, podemos inferir que isto dificulte o posicionamento do docente no seu ensino. É importante salientar que 16,6% dos docentes não consideram importante o seu ensino, o que a nosso ver, pode se tomar expressivo se somarmos os outros 16% que referem não saber se é importante.

Sobre "como" ensinar, 8 referências (33,3%) são relacionadas a reflexões junto ao aluno sobre: o que é espiritualidade e sua importância, a necessidade de despertar no aluno esse aspecto da vida; levantar suas crenças e valores a respeito desse assunto; sensibilizá-lo a dar abertura para que o paciente manifeste esta necessidade, pois este aspecto pode ser importante para o doente; desenvolver o respeito pela espiritualidade do paciente; 3 docentes referiram temas relacionados a religião: aulas teóricas sobre as mais variadas religiões, discussão com pessoas de diferentes religiões; e, outros 3 sugeriram a discussão com o aluno do ser humano numa visão holística e social (interacionista); conceitos teóricos básicos sobre espiritualidade, rever os estudos já existentes na enfermagem a respeito do tema, ou mesmo ter uma disciplina específica na graduação sobre a questão do morrer e da morte e a assistência de enfermagem. Dois (2) docentes, apesar de acharem importante o ensino desse conteúdo, não saberiam como abordá-lo.

Dos outros quatro (4) docentes que responderam esta questão afirmando não saber se este conteúdo deve ser abordado na EEUSP, um (1) o considera importante na formação do enfermeiro; outro (1), que deve ser ministrado se tiver ressonância direta na assistência de enfermagem; um (1) que a espiritualidade não pode ser ensinada, pois é uma questão mais ampla, onde cada um segue um caminho, tem um entendimento, uma vivência e, que o ensino talvez, seja unir o conhecimento técnico-científico com o respeito ao outro; e um (1), não tinha opinião formada a respeito.

Dos quatro (4) docentes que não acham importante o ensino da assistência espiritual na EEUSP, 3 não justificaram o porquê e 1 docente explicou que este assunto já está incluído no tema comunicação e “técnicas curativas internas” (exemplo, brinquedo para criança).

Quando questionado sobre o fato de abordar este aspecto na própria disciplina ministrada, 15 (62,5%) dos docentes abordam esse assunto e 9 (37,5%) não abordam. Dos que abordam, 10 (41,6%) referiram ser em situação de campo de estágio, a partir de problemas identificados no paciente ou no aluno; 7 (29,1%) consideram que abordam o tema através da própria postura ou filosofia de vida; 2 em situações específicas, como discussão de batismo em recém-nascido de alto risco e na visita pré-operatória. Dos 9 docentes que afirmaram não abordar esse assunto, 4 acabaram citando situações que demonstram que, na verdade, discutem a temática com os alunos de maneira informal, 3 quando surgem questionamento do aluno ou paciente, e 1 na assistência perinatal e no nascimento.

DIAZ (1993) recomenda que o ensino do cuidado à espiritualidade deve ter a precaução de não converter ou ter essa pretensão, que deveria ser mais no sentido de guiar os estudantes ou clientes em direção ao próprio entendimento e experiência pessoal, dentro de um paradigma da saúde espiritual. Outro aspecto seria diferenciar entre religião e espiritualidade, considerando como ponto principal, o fato de que espiritualidade nem exclui nem é exclusivo do religioso. Goodle e Arriola apud DIAZ (1993) sugerem ainda, que o educador de saúde tem que: primeiro reconhecer e respeitar a diversidade cultural do estudante e a existência de uma estrutura de crença espiritual; e segundo, reconhecer e respeitar a diversidade de percepções do estudante a respeito de saúde e saúde espiritual.

DIAZ (1993) identifica três argumentos para questionamentos que aparecem frequentemente contra a abordagem da espiritualidade no ensino e, contra argumenta afirmando ser uma área de ensino necessária para os profissionais de saúde. O argumento contrário a ser uma dimensão sem definição, ele contesta considerando como etapa do desenvolvimento atual da temática e ser um problema próprio de um conhecimento emergente. Com relação ao argumento de poder considerar a espiritualidade como dimensão incorporada ao aspecto psicológico, aponta para o fato que este aspecto não contempla a sua especificidade. Finalmente, a crítica de que o ensino da espiritualidade é invasivo à separação formal Igreja-Estado, argumenta que a espiritualidade é diferente de religião, que o objetivo não é a

conversão do aluno a uma determinada crença, mas que seja auxiliado na identificação de seu próprio referencial teórico.

Esse mesmo autor considera importante que se analise o aspecto de uma metodologia científica própria, onde seja respeitada a dimensão metafísica do conhecimento em questão, pois é provável que estejamos trabalhando com um paradigma ainda novo para o nosso atual conceito do que é ciência (DIAZ, 1993).

A existência do diagnóstico de Angústia Espiritual na classificação dos diagnósticos de enfermagem, é outro argumento forte para que esta dimensão adquira a sua especificidade, para evitar erros de avaliação e conseqüentemente, de intervenção de enfermagem.

Como conclusão do questionário, foi perguntado se gostariam de registrar algo mais a respeito do assunto e 12 (50%) dos docentes fizeram comentários relativos a: ensino-aprendizagem da espiritualidade (10 citações), complexidade do assunto (3) e abordagem desse aspecto junto ao paciente (2). Por considerarmos ricas as reflexões feitas pelos docentes, transcrevemos a seguir suas falas:

- *Com relação ao ensino-aprendizagem da espiritualidade:*

“Caso fossem organizados grupos de discussão, ou melhor, de reflexão, (não sei que modalidade), gostaria de estar participando para o meu crescimento”.

“Discutir sobre a palavra respeito ao que sou, ao que o outro é, ou melhor, o que é santificar, ou seja, ser e ajudar o outro a ser saudável, íntegro, isto é **ser** em Deus”.

“Importante a iniciativa de começar uma discussão a este respeito, porque o ensino não pode ser prescritivo e ao mesmo tempo, não pode provocar vergonha de assumi-lo”.

“Talvez fosse interessante um aprofundamento dessas questões espirituais na EEUSP através de momento conjunto de reflexões com pessoas capacitadas para tanto”.

“Vejo a espiritualidade como um dos elementos culturais de cada ser e portanto, uma abordagem a ela seria reconhecê-la, aceita-la, permitir e facilitar sua expressão e nunca impor crenças ou receitas”.

“Esse tema é imprescindível ao currículo de graduação em enfermagem”.

“Extremamente importante no curso de graduação em enfermagem (essa temática)”.

“Creio que a melhor estratégia seria a discussão com pessoas de várias religiões e das mais diversas atuações na prática”.

“Espero que, algum dia, possamos ter a espiritualidade como ponto de partida e não como fim”.

“Acredito que espiritualidade e seu ensino não fazem parte do conteúdo de ensino de enfermagem, reconhecendo que esse é um aspecto que faz parte da necessidade de diversas pessoas; ele deve ser levantado como problema de enfermagem, que a enfermagem em si não precisa e nem tem condições de atender, mas pode encaminhar. Pode ser exercido entre profissional e cliente que apresentem crença semelhante, mas não como prática formal”.

- *Com relação à complexidade do assunto:*

“Sem dúvida nenhuma esse foi o questionário mais difícil (que já respondi) por que não é fácil expressar estas coisas”.

“O assunto é muito complexo, não acredito ter conseguido explorá-lo nestas questões”.

“Achei muito difícil responder as questões objetivamente”.

- *Com relação ao paciente:*

“Dependendo da situação do paciente, essa pode ser uma questão que tenha que ser lidada”.

“Tenho tido oportunidade de trabalhar estes aspectos, mesmo que parcialmente, com doentes, mais do que com aluno”.

CONCLUSÃO

É indiscutível que a população de docentes da EEUSP reconhece a dimensão espiritual do ser humano, assim como aspectos de espiritualidade que interferem na sua vida, condições que, inegavelmente, propiciam um ambiente adequado ao posicionamento dessa instituição com relação ao tema.

Verificamos que 95,8% dos docentes acreditam que o homem é um ser espiritual, citando diferentes maneiras sobre como essa dimensão altera e influencia o seu dia-a-dia, desde no relacionamento com os outros e com a natureza até no próprio auto-conhecimento; portanto, podemos afirmar que a espiritualidade é importante para a população pesquisada.

Dezesseis docentes (66,6%), dos 24 entrevistados consideram importante o ensino da assistência espiritual no curso de graduação em enfermagem, justificando

esse posicionamento com diversos argumentos e dando sugestão de como esse ensino pode ocorrer. Dentre as propostas feitas podemos citar: reflexões junto ao aluno sobre o que é espiritualidade e sua importância para o homem; identificar suas crenças, valores sobre esse assunto, ministrar aulas teóricas com um panorama das diferentes religiões, entre outras.

Quanto a existência desse tema no ensino atual, 15 docentes (62,5%) referiram abordar o assunto de diferentes formas: em campo de estágio, através da própria postura ou filosofia de vida, em situações específicas; porém dos 9 docentes (37,5%) que afirmaram não abordar o assunto, 4 citam situações informais que demonstram sua presença no ensino. Podemos inferir, portanto, que 19 docentes (79,1%) abordam esse tema, sendo que nenhum deles referiu um momento formal para a discussão desse assunto, o que nos leva a crer que o mesmo é abordado de maneira assistemática e talvez não instrumentalize o aluno.

Com relação ao terceiro objetivo do trabalho, consideramos que a organização de um fórum de discussão sobre espiritualidade possibilitaria aos docentes desenvolver uma terminologia comum que os auxiliasse a expressar o assunto e a reflexão de estratégias para a sua abordagem no ensino.

A assistência espiritual deve ter um momento formal de ensino, onde pe necessário o cuidado para não se pregar a própria opinião sobre o tema, mas direcionar os estudantes para seu próprio entendimento e experiência pessoal, dentro de um paradigma de saúde espiritual. Uma abordagem imparcial respeita e reconhece a diversidade cultural do estudante e a existência de uma estrutura de crença espiritual. O docente pode (e deve) utilizar o campo de estágio para detectar essas diferenças nos indivíduos, estimulando o aluno a expressar suas dúvidas e percepções, pois desta forma, ambos saem acrescidos, o paciente por não ter negado essa sua dimensão e o aluno por refletir e clarificar esse aspecto mais sutil do atendimento.

Talvez, um dos grandes desafios da enfermagem seja o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema, ajudando os profissionais de saúde a abrirem caminhos para uma nova epistemologia, que reconheça a possibilidade de uma realidade metafísica e que não se limita a verificações somente por meios empíricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe falta de clareza também na enfermagem sobre o que é espiritualidade, religiosidade e assistência espiritual, fato que limita os estudos sobre esse assunto.

Outro aspecto importante é que este tema provoca um questionamento pessoal no enfermeiro com relação a sua base religiosa, sobre sua concepção de

homem e o sentido de vida; questões que geram conflitos íntimos muitas vezes não conclusivos.

Consideramos que a espiritualidade no homem não se relaciona apenas a momentos específicos de sua vida, (por exemplo, o momento de morrer), mas envolve um posicionamento e uma reflexão pessoal sobre o próprio significado da vida.

É necessária a discussão formal dessa temática no ensino de graduação por que o objeto de trabalho da enfermagem é o ser humano e, nossa visão de homem se origina no paradigma holístico – a compreensão do homem como um ser bio-psico-sócio-espiritual. Utilizar as definições da NANDA (1989) e testar os indicadores propostos para ela para detectar a “Angústia Espiritual” do paciente pode ser um ponto de partida para uniformizarmos esta linguagem.

THINKING ABOUT SPIRITUALITY WITHIN NURSING UNDERGRADUATE PROGRAM

This article aimed at identifying the opinion of nurses' teachers about spirituality and spiritual assistance within their education program, as well as its presence in courses and their suggestions about spiritual aspects to be included. 24 teachers were interviewed during November 1994; 95,8% of them thought the human being to be a spiritual being, mentioning ways this dimension alter and influences daily life; 66,6% of the teachers thought about the importance to include spiritual assistance within their educational program. In the light of the variety of answers the authors emphasize the importance to reflect about this subject.

UNITERMS: spirituality, spiritual assistance

PENSANDO EN LA ESPIRITUALIDAD EN LA ENSEÑANZA DE PRE-GRADO

El presente trabajo tuvo como objetivos verificar la opinión de docentes de enfermería sobre la espiritualidad y la enseñanza de la asistencia espiritual en los cursos de pre-grado, identificando su presencia en la enseñanza actual y proponiendo aspectos para su abordaje con los alumnos. Fueron entrevistados 24 docentes durante el mes de noviembre de 1994 y 95,8% consideran el hombre cómo un ser espiritual, citando

diferentes maneras de cómo esa dimensión altera e influye en su día a día, 66,6% hicieron referencia a la importancia de que la asistencia espiritual sea abordada en el pre-grado. Frente a la diversidad de los conceptos y respuestas se hizo evidente la necesidad de reflexiones conjuntas.

UNITERMOS: espiritualidad, asistencia espiritual

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ATKINSON, L.D.; MURRAY, M. E. **Fundamentos de enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985. Cap. 30: A necessidade de espiritualidade.
02. DANIEL, L.F. **Atitudes interpessoais em enfermagem**. São Paulo: EPU, 1983. Cap. 8: A assistência espiritual na enfermagem.
03. DIAZ, D. P. Foundations for spirituality: establishing the viability of spirituality within the health disciplines. **J.ealth Educ.**, v. 24, n. 6, p. 324-26, 1993.
04. FARIAS, J.N. et al. **Diagnóstico de enfermagem**: uma abordagem conceitual e prática. João Pessoa: Santa Marta, 1990.
05. HANSEN, T. J. The spiritual dimension of individuals: conceptual development.. **Nurs. Diagnosis**, v. 4, n. 4, p. 140-46, 1993.
06. McFARLAND, E. K.; McFARLANE, E. A. **Nursing diagnosis and intervention**. St. Louis: Mosby, 1989. Cap. 11: Value belief pattern.
07. NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION. Taxonomy I Revised 1989: with official diagnostic categories. St. Louis: Mosby, 1989.
08. ROBINSON, A. Spirituality and risk: toward an understanding. **Holist Nurse Pract**, v. 8, n. 2, p. 1-7, 1994.

ANEXO I

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

INICIAIS: DEPTO: DISCIP. DATA ___/___/___.

1. Você tem religião? ___ Não ___ Sim Se sim, qual? _____

2. O homem é um ser espiritual? ___ Não ___ Sim.

3. Existem coisas espirituais importantes para você? ___ Não ___ Sim

3.1. Se existem, quais?

3.2. Elas o ajudam? Em que situações?

4. O que é espírito?

5. Você acha importante o ensino da assistência espiritual para a enfermagem?

___ Não ___ Sim Se sim, como?

6. Você aborda esse aspecto na suas disciplina? ___ Não ___ Sim

Se sim, como _____

7. Quer registrar algo mais a respeito desse assunto?
